

O PENSAMENTO RELACIONAL MOLECULAR DE NORBERT ELIAS E A SOCIOLOGIA ATOMÍSTICA WEBERIANA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

Débora Previatti*

RESUMO

Há mais aproximações ou mais afastamentos de Norbert Elias em relação a Max Weber? Teria Elias em suas produções divergido substancialmente ou teria ele complementado e corrigido possíveis unilateralidades da teoria weberiana? O presente trabalho teve como objetivo analisar os fatores que unem e os que afastam esses dois autores, a partir de seus posicionamentos em termos de uma “sociologia atomística”, no caso de Weber, ou “molecular”, no de Elias. Por meio de uma abordagem teórico-metodológica, ao mesmo tempo, sistemática e contextual, investigamos aqui a repercussão de Weber em Elias nas obras monográficas “O processo civilizador” e “A sociedade de corte”. Para ambos, os indivíduos não estão “flutuando no espaço”, mas sim encontram-se presos em um teia de relações com os outros indivíduos. É a reciprocidade da ação [Wechselwirkung]. Entretanto, uma divergência entre os dois autores encontra-se justamente no aspecto “molecular” do pensamento eliasiano: a ação, nunca estritamente individual, é analisada sempre considerando elementos contextuais e relacionais, sujeitos às regras e convenções específicas das figurações que o indivíduo integra ao longo da vida.

Palavras-chave: Norbert Elias, sociologia relacional, Max Weber, teoria social.

Norbert Elias's Relational Molecular Thinking and Weberian Atomistic Sociology: Approaches and Distances

ABSTRACT

Are there more approaches or more distances between Elias and Weber? Had Elias in his productions substantially diverged or would he have supplemented and corrected possible unilateralities of Weber's theory? This work aimed to analyze the factors that unite and those that distance these two authors, from their positions in terms of an “atomistic” sociology, in the case of Weber, or “molecular” sociology, in the case of Elias. For this, Weber's repercussion in Elias was analyzed in the monographic works «The civilizing process» and «The court society», through a theoretical-methodological approach, at the same time, systematic and contextual. In both Weber's and Elias's sociology, individuals are not «floating in space», but rather find themselves trapped in a web of relations with other individuals. It is the action's reciprocity [Wechselwirkung]. However, a divergence between the two authors is precisely in the “molecular” aspect of the Eliasian thought: action, never strictly individual, is always analyzed considering contextual and relational elements, subject to the specific rules and conventions of the figurations that the individual integrates along his life.

Keywords: Norbert Elias, relational sociology, Max Weber, social theory.

La pensée relationnelle moléculaire de Norbert Elias et la sociologie atomistique weberienne: approches et distances

RÉSUMÉ

Y a-t-il plus d'approches ou distances de Norbert Elias par rapport à Max Weber? Avait-il considérablement divergé dans ses productions ou aurait-il complété et corrigé des possibles unilatéralités de la théorie de Weber? Ce travail visait à analyser les facteurs qui s'unissent et ceux qui éloignent ces deux auteurs, de leurs propres positions en termes de une sociologie “atomistique”, dans le cas de Weber, ou « moléculaire », dans le cas d'Elias. Pour cela, la répercussion de Weber sur Elias a été analysée dans les travaux monographiques « La civilisation des moeurs » et « La société de cour », vers une approche théorique-méthodologique, en même temps, systématique et contextuelle. Aux deux approches de Weber et d'Elias, les individus ne sont pas « flottant dans l'espace », mais se retrouvent pris dans un réseau de relations avec d'autres individus. C'est la réciprocité de l'action [Wechselwirkung]. Cependant, une divergence entre les deux auteurs réside

* Doutoranda em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com estágio de doutoramento pela École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. Contato: deborapreviatti@gmail.com

précisément dans l'aspect « moléculaire » de la pensée éliásienne: l'action, jamais strictement individuelle, est toujours analysée en considérant des éléments contextuels et relationnels, soumis aux règles et conventions spécifiques des figurations que l'individu intègre dans de la vie.

Mots-clés : Norbert Elias, sociologie relationnelle, Max Weber, théorie sociale.

INTRODUÇÃO

Conforme Bucholc (2013), por muito pouco, Norbert Elias não foi contemporâneo a Max Weber, chegando a Heidelberg apenas quatro anos após o seu falecimento. Foi nesse contexto que iniciou a sua formação sociológica, em meio a um clima de “efervescência weberiana”, sendo que desde o princípio de sua carreira acadêmica, já entrou no “mundo” de Weber.

Devido ao ambiente intelectual de Heidelberg, era quase impossível que em suas obras não emergissem temas vinculados à sociologia de Weber. Apesar da reconhecida repercussão de Weber em suas obras, Elias não veio a se tornar um “weberiano”. Formulou as suas próprias ideias, contribuindo posteriormente para complementar e, em certa medida, corrigir aspectos unilaterais da teoria weberiana (BREUER, 1994).

De acordo com Powell e Dépelteau (2013), sociólogos relacionais analisam, de alguma maneira, a vida em sociedade a partir das *relações sociais*. Porém, o enfoque, o método analítico e o que eles entendem por “relações sociais” variam consideravelmente de um para outro. As “relações” podem ser desde ligações mais concretas entre indivíduos ou grupos, até mais abstratas. Podem significar para alguns autores a sua unidade elementar de análise para toda a sociologia, ou apenas um tipo de estrutura social emergente, ao lado de outras (POWELL, 2013).

Reconhecido como um dos fundadores da sociologia relacional, Norbert Elias é situado por alguns autores, como Powell (2013) e Tsekeris (2013), entre os mais radicais dessa vertente. Isso porque criticou de maneira incisiva pressupostos essencialistas e formas reificatórias de se fazer sociologia, superando e sintetizando, de modo eficaz, o dualismo “indivíduo – sociedade”.

O presente trabalho tem a intenção de contribuir com estudos eliasianos e pós-eliasianos, enfocando, sobretudo, algumas aproximações e distanciamentos de Norbert Elias em relação a Max Weber. Teve como objetivo analisar os fatores que unem e os que afastam

esses dois autores a partir de seus próprios posicionamentos a favor de enfoques analíticos específicos: no caso de Weber, de uma sociologia que tem em seu centro o “átomo”, ou ao qual se reduz, em última instância, ao longo do processo analítico; no de Elias, de uma sociologia que parte de uma estrutura “molecular” para a compreensão dos sistemas de dominação nos diferentes agrupamentos humanos.

Para tal discussão, apresento inicialmente posicionamentos de Elias frente a uma visão atomística da sociedade, acrescentando pontos de contraste e de aproximação a Weber e, posteriormente, argumento no sentido de que as obras de caráter dual – teórico e empírico – de Elias e de Weber podem apontar caminhos importantes para a compreensão de suas maiores convergências analíticas.

O PENSAMENTO MOLECULAR E RELACIONAL DE ELIAS COMO POSICIONAMENTO FRENTE AO ATOMISMO

Conforme a definição genérica proposta por Powell e Dépelteau (2013), sociólogos relacionais analisam a vida social a partir das “relações sociais”. Porém, a forma que o fazem e o que precisamente eles entendem por “relações sociais” variam consideravelmente de um sociólogo relacional para outro. Segundo Tsekeris (2013), a teoria figuracional de Norbert Elias impulsiona nitidez, rigor e interdisciplinaridade à sociologia relacional concentrando-se cuidadosamente em aspectos tanto ontológicos como epistemológicos do conceito de “relações”.

Conforme Powell e Dépelteau (2013), é característico dos sociólogos relacionais enfatizar a forma como os indivíduos estão sempre entrelaçados em relações de interdependência com outros, sendo que esses indivíduos não poderiam ser entendidos, mesmo que teoricamente, além de seus contextos relacionais. Foi justamente partindo desse ponto que Elias (1970) se posicionou frente ao que denominou de *visão atomística da sociedade*. Posicionava-se

frente a uma forma comum de se fazer sociologia e, ao mesmo tempo, as incorporava em certa medida, conforme destaca Tsekeris (2013):

O seu pensamento relacional, como uma forte oposição ao substancialismo sociológico e como uma crítica aguda dos vários elementos essencialistas e formas reificatórias de fazer ciência social, constitui uma frutífera, aberta e inacabada “tradição de pesquisa” (em vez de um conjunto de doutrinas rígidas), que proporciona muitos insights sintéticos e originais. As sínteses radicais de Elias envolvem principalmente ideias centrais de Auguste Comte, Georg Simmel, Karl Marx, Max Weber, Alfred Weber, Karl Mannheim, Kurt Lewin, Sigmund Freud, e seu primo distante Ernst Cassirer. (TSEKERIS, 2013, p. 88, tradução nossa)

Elias propunha que o ponto de partida para a análise da vida em sociedade não deveria ser o “átomo”, mas sim a “estrutura de uma molécula específica” (ELIAS, 2001b, p. 134), pois as ações dos indivíduos somente podem ser compreendidas, efetivamente, se analisadas dentro de figurações determinadas, as quais apresentam uma ordem de funcionamento e racionalidade próprios. As figurações podem envolver poucos indivíduos ou ser de grandes dimensões (e.g. desde um grupo de jogadores de dominó, até um país) e a “sociedade” seria explicada mediante a formação, manutenção, dissolução e repercussão de tais figurações na trama social (ELIAS, 2001b).

Além disso, Elias (1970) argumentou no sentido de que era preciso que os sociólogos se distanciassem de si próprios e se vissem *em relação* com outros seres humanos. Era um problema para ele, portanto, que os pesquisadores tendessem a encarar os indivíduos e os grupos como meros objetos externos a eles mesmos. Assim que Elias (1970) propôs uma superação da visão atomística da sociedade, visão esta que apresentava os conceitos de “indivíduo” e “sociedade” de forma reificada. Isso distorceria a própria visão da vida em sociedade, na medida em que o indivíduo seria colocado, de forma equivocada e egocêntrica, em seu centro (Figura 1).



Figura 1. Padrão básico de uma visão egocêntrica da sociedade. Fonte: ELIAS, 1970.

Criticaria Elias, com isso, um dos fundamentos elementares da teoria weberiana: “A Sociologia Compreensiva (em nosso sentido) trata o indivíduo e suas ações como sua unidade de base, como seu *átomo*, se permitem-nos aqui uma questionável analogia” (WEBER, 1922, p. 403). Conforme analisou Colliot-Thélène (2010), se é verdade que Elias fez frequentemente referências a Weber, a maioria delas foram críticas. Estas, longe de serem negligenciáveis, demarcavam diferenças epistemológicas importantes entre os dois autores.

Para Elias (1970), a oposição entre “indivíduo” e “sociedade” não existe de fato, não passa de uma construção mental que fazemos para dar ordem ao caos da vida social. A melhor maneira de compreendermos as relações sociais e que pode ser descrita é ver-nos inseridos em teias simbólicas de interdependência [*Interdependenz*]. Nessas teias, cada ação de um indivíduo reflete e, ao mesmo tempo, depende de uma série de outras ações. Com isso, a sua liberdade permanece limitada à rede de interdependências da qual faz parte, sendo que ela dirá até onde o indivíduo pode ir e o que ele pode ou não fazer (ELIAS, 1970).

Elias argumenta que, tal como acontece em um jogo de xadrez (ELIAS, 2001b, p.158), cada ação individual, por mais que aparente ser independente de outras pessoas e, por mais que seja, em parte, uma escolha individual, é efeito e também repercute nos movimentos seguintes. Ao mesmo tempo, essa ação ocorreu em um contexto de relações e de regras que norteiam o jogo, seja o de xadrez ou, transcendendo para a

“sociedade”, o jogo social (ELIAS, 2001b).

Desse modo, mesmo que Elias tenha partido do conceito de *Wechselwirkung*, no sentido de “ação recíproca”, tal como Weber e Simmel, essa reciprocidade em Elias só pode ser explicada no interior de cada uma das figurações. Além disso, o movimento de um indivíduo no “tabuleiro social” repercute em uma série de outras ações consecutivas de outros indivíduos inseridos na mesma figuração, de modo que a ação recíproca não retorna apenas ao indivíduo que teria desencadeado tal processo, mas também impacta em todos os seus outros integrantes (ELIAS, 2001b).

Nesse tipo de formação social, as “relações” não devem ser interpretadas como abstrações, mas como um elemento concreto fundamental para a explicação da vida em sociedade. Além de concretas, as relações sociais devem também ser compreendidas para além do dualismo indivíduo – sociedade, pois as “sociedades” nada mais são do que indivíduos conectados entre si. Logo, a função da sociologia é a de tornar essas redes de inter-relações transparentes (ELIAS, 1970).

Elias (1970) argumentou no sentido de que o dualismo indivíduo – sociedade estaria presente em dicotomias profundamente enraizadas, que precisariam ser superadas. A separação estaria presente, por exemplo, na própria delimitação das fronteiras disciplinares entre a sociologia e a psicologia. Para o autor, não haveria uma divisão clara entre elas, pois o que se concebe como “social” está no “individual”, da mesma forma que o “individual” está também no “social”. Para Elias era preciso superar barreiras disciplinares, para poder compreender, de fato, a nossa vida em sociedade. Fazia, com isso, um movimento contrário a Weber, já que este tinha o intuito de conceituar e delimitar as fronteiras disciplinares da sociologia (WEBER, 1994).

Weber, apesar de ter sido enquadrado como adepto do individualismo metodológico, possuindo o “átomo” como ponto de partida, não desejava manter o dualismo indivíduo – sociedade, mas sim buscava uma síntese entre as esferas micro e macrosociológicas de análise. Além disso, Weber assim como Elias, repudiou em diversos momentos a substancialização de certos conceitos (SELL, 2016).

Além disso, tanto em Weber como em Elias, os

indivíduos não estão “flutuando no espaço”, mas sim encontram-se presos em um teia de relações com os outros indivíduos. É a reciprocidade da ação [*Wechselwirkung*]. Entretanto, em Elias, não haveria ações estritamente “individuais”, já que tais ações encontram-se sempre vinculadas a regras e convenções específicas das figurações que o indivíduo integra ao longo da vida.

Weber (1994, p. 3) também já havia reconhecido a atuação da interdependência na ação dos indivíduos em seu conceito de “ação social”: “uma ação que, quanto ao seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de *outros*, orientando-se por este em seu curso”. Porém, uma questão que parece ter passado despercebida aqui, e que aparece em Elias, é de que o próprio sentido “individual” nunca seria apenas individual, mas sempre, ao mesmo tempo, “social” e determinado pelas figurações. Estas regulam e controlam as emoções dos indivíduos e, conseqüentemente, as suas ações.

Dessa forma, portanto, na visão de Elias (2001b), o “sentido visado pelo agente” não poderia ser apreendido unicamente a partir do indivíduo (“átomo”) em sua relação com outros, mas a partir de uma figuração específica na qual tal indivíduo encontra-se inserido (equivalente a uma estrutura “molecular”), a partir de sua racionalidade própria. Tal diferença – que marca o ponto de partida sendo o “átomo” ou a “molécula” – longe de ser negligenciável, pode impactar substancialmente no modo de se analisar os fenômenos, pois o elemento coercitivo das figurações pode transformar substancialmente as ações dos indivíduos e a nossa compreensão sobre elas.

Em sua primeira obra propriamente sociológica, “*A Sociedade de Corte*”, Elias (2001b) considerou que certos elementos presentes no indivíduo estão não no plano não da “psicologia” enquanto ciência, mas da própria necessidade vital da corte, na forma de motivos, habilidades, constituição e limitações das pessoas. Para o autor, mesmo as questões mais internas, relativas à psique humana, nunca poderiam ser explicadas apenas em um plano estritamente individual.

Amparado na psicanálise freudiana, Elias (1994a; 1994b) confere à economia psíquica e ao autocontrole uma importância fundamental

para explicar o processo civilizador. Um controle das pulsões e dos desejos individuais é exigido pelo fato de o indivíduo estar inserido em uma rede de interdependências e constrangimentos e, portanto, de ele precisar se submeter às regras do jogo social.

Desse modo, a figuração, muito longe de se tratar de uma “rede amorfa”, no sentido de união aleatória ou ocasional de indivíduos, onde suas relações seriam marcadas por um grande livre arbítrio dos indivíduos e uma ausência de elementos coercitivos, trata-se, sobretudo, de uma estrutura com regras bem delimitadas e uma lógica própria, uma racionalidade particular (ELIAS, 2001b).

Justamente para conseguirmos ter uma melhor visão do que seria tal estrutura, é que Elias propôs que: “é possível determinar as *estruturas* de um *sistema de dominação* como figuração de indivíduos interdependentes, quase com o mesmo rigor de um cientista ao determinar a estrutura de uma *molécula específica*” [grifos nossos] (ELIAS, 2001b, p. 134). Tal comparação é feita não a partir de uma estrutura molecular específica, mas em termos do reconhecimento de semelhanças entre as ações dos indivíduos inseridos em figurações e os comportamentos dos átomos que integram estruturas moleculares.

Elias (1970) usou o termo “valências abertas” para explicar características específicas presentes em uma figuração. Elas corresponderiam ao potencial de um indivíduo relacionar-se com outros, com aqueles os quais ainda não se relacionou (ver Figura 2). A valência, termo utilizado originalmente na química, corresponde à capacidade de um átomo de ligar-se a outros e é medida por meio do número de elétrons que um átomo pode doar, receber ou compartilhar, a fim de estabelecer uma ligação química.



Figura 2. Estrutura básica molecular eliasiana. Representação de indivíduos interdependentes (“família”, “Estado”, “grupo”, “sociedade”, etc.) em

uma figuração. Fonte: ELIAS, 1970.

Para que um átomo permaneça em uma determinada estrutura molecular, é necessário que as ligações presentes ali sejam mais fortes e estáveis do que o seu potencial de ligação com átomos externos. Assim também acontece em uma figuração, de modo que um equilíbrio de tensões [*Spannungsgleichgewicht*] não fixo é crucial para que ela mantenha sua estrutura de poder, interna mas também frente a um campo de poder mais amplo (ELIAS, 2001b).

Porém, as motivações para que os indivíduos permaneçam nas figurações não devem ser simplificadas. Na química, as valências dependem de propriedades intrínsecas ao átomo, que são prévias à sua ligação com outros, e de caráter natural. Quando falamos a respeito de seres humanos, as características prévias são plurais e complexas – a um só tempo individuais e sociais – pois envolvem elementos resultantes das diferentes figurações as quais o indivíduo integra ao longo da vida. Além disso, como analisou Miceli (2001), o *sentido* tem um papel fundamental para que um determinado indivíduo permaneça em uma figuração, o que não pode ser explicado apenas mecanicamente, transportando de modo acrítico conhecimentos produzidos nas ciências naturais.

Segundo Elias (1969 apud LAHIRE, 2013), as valências constituem-se a partir da socialização primária, que se desenvolve por meio da família. Elas vão se transformando com o passar do tempo, conforme as experiências do indivíduo. Tais experiências variam conforme o indivíduo vai se inserindo em diferentes figurações. É tal estrutura que irá determinar a natureza de suas ligações e relacionamentos. O indivíduo carrega, desde a sua infância, afinidades e indiferenças, pontos de atração e rejeição, simpatias e antipatias, que condicionarão as suas futuras relações com os inúmeros indivíduos com os quais se deparará e frente às múltiplas situações que deverá enfrentar (LAHIRE, 2013).

Vale ressaltar que é por meio também do conceito de “valência” que Elias, ao mesmo tempo em que construiu um corpo analítico totalmente dependente de Freud, irá tecer uma de suas principais críticas a ele. Uma dessas críticas é a de que Freud, ao reduzir tudo a pulsões sexuais,

não havia considerado a pluralidade de valências que seria possível ao indivíduo (LAHIRE, 2013). Além disso, ao lutar pela legitimidade de sua teoria, Freud teria conferido valor universal a um tipo dado e datado de estruturas de personalidade, que estendeu a todos os seres humanos (ELIAS, 2010).

Apesar de Elias partir e traçar analogias com alguns conhecimentos das ciências naturais, como a química e a física, para explicar características presentes nas figurações, ao mesmo tempo ele alerta para um cuidado com esse tipo de aproximação. As metáforas que os sociólogos usam para se referir ao “indivíduo” ou à “sociedade” são muitas vezes insuficientes para captar a interdependência constitutiva de cada ser humano (LAHIRE, 2013). Apesar de insuficientes, tais conhecimentos obtidos previamente na formação acadêmica de Elias, ao lado da filosofia, constituíram bases importantes para as suas formulações teóricas e de suas análises das estruturas de poder a partir de figurações particulares. Serviram, sobretudo, para desenvolver seus argumentos frente a pressupostos substancialistas e atomistas.

ELIAS, WEBER E SUAS “PESQUISAS EFETIVAS”: UMA VIA DE CONVERGÊNCIA

Para Elias (2001b), as ideias não existem independentemente dos fatos ou das pessoas, sendo que as elaborações teóricas podem ser melhor compreendidas quando explicadas a partir de realidades empíricas específicas. Dessa forma, o autor de uma obra e suas ações – incluindo as suas produções intelectuais – precisariam ser vistos como fazendo parte de, no mínimo, uma figuração. Pelos mesmos motivos, uma obra também não deveria ser interpretada “atomisticamente”, deslocada de seu contexto de produção, o qual carrega consigo suas regras e convenções particulares.

A discussão empreendida aqui anteriormente sobre “estruturas moleculares” diz respeito a um padrão geral proposto por Elias (1970) para o entendimento de diferentes agrupamentos humanos, já mencionado por ele em suas obras monográficas, porém sistematizado apenas muitos anos depois. Tratava-se de uma estrutura, porém mutável, que auxiliaria na compreensão

do comportamento dos indivíduos dentro de figurações de seres humanos interdependentes, que compartilhariam de estruturas de dominação comuns, tal como explica Elias (2001b), em “*A Sociedade de Corte*”:

A comparação [com a estrutura de uma molécula] serve simplesmente para delimitar com mais distinção e rigor a imagem que o sociólogo tem em mente. Cada campo de dominação apresenta-se como uma rede de homens e grupos humanos interdependentes, agindo em conjunto ou em oposição num sentido bem-determinado. É possível, como ainda mostraremos, distinguir diversos tipos de campos de dominação, de acordo com a orientação da pressão que os diversos grupos de um campo exercem uns sobre os outros, segundo as modalidades e a intensidade da dependência relativa de todos os homens e grupos que formam a estrutura de dominação. (ELIAS, 2001b, p. 134)

Entretanto, para Elias (1994a), as figurações encontram-se em processo. Diante desse fato, as teorias geradas para entender os seres humanos também não deveriam também ser estanques, mas passíveis de mudança. As particularidades empíricas não se tratariam apenas de um modo de “ilustrar” uma determinada teoria, em termos de exemplos de sua aplicabilidade, mas a partir de cada uma dessas realidades é que as teorias deveriam ser formuladas e reformuladas, considerando novos aspectos advindos desses contextos em transformação.

As formas, além de não serem estáticas, também não deveriam ser interpretadas mecanicamente. Conforme Miceli (2001), em Elias a dependência que une e que afasta os indivíduos manifesta-se de maneiras muito específicas em cada figuração, variando conforme o conteúdo de cada uma delas. O *sentido* só poderia ser captado se compreendêssemos um indivíduo imerso em uma figuração, permitindo-nos assim entender as suas ações e o próprio funcionamento dessa formação social. Miceli (2001) argumenta que, em “*A Sociedade de Corte*”, o sentido possuía um papel crucial no direcionamento dos comportamentos dos indivíduos no interior da corte. O sentido, aqui,

apareceria não em termos de que existiria um todo fixo dotado de sentido, mas em termos de que as ações dos indivíduos integrantes da corte seriam guiadas, em grande medida, pelo sentido que a figuração e a posição ocupada dentro dela apresentariam para cada um deles.

Por todos os motivos levantados, as análises sistemáticas feitas por Elias em uma fase posterior de sua trajetória podem ser compreendidas de forma mais completa quando fazemos o movimento de retorno às suas “pesquisas efetivas”, considerando os conteúdos específicos das diferentes figurações e a análise do autor aprofundada a respeito delas, ao mesmo tempo em que elaborou a sua teoria. Por meio de suas duas obras monográficas, podemos ter uma maior dimensão de seu alcance teórico-metodológico, sendo que nelas o conceito de figuração ganha corpo e complexidade, com a riqueza de detalhes apresentada sobre contextos particulares. Nesse sentido, poderíamos enxergar a etapa de sistematização de sua teoria, tardia em sua trajetória intelectual, ao lado da produção de sua obra autobiográfica, “*Norbert Elias por ele mesmo*” (ELIAS, 2001a), como uma fase representativa da busca de Elias por legitimação em termos de ser considerado autor de uma teoria social própria e a fim de ser reconhecido no grupo de intelectuais no qual esteve imerso.

Weber possuía a noção de que as suas formulações teórico-sistemáticas carregavam consigo uma distância relevante em relação à vida em sociedade. Porém, o esforço de sistematização de categorias comuns aos sistemas de dominação lhe pareceu ser uma tarefa importante de ser realizada. No decorrer de 1913, Weber via-se cada vez mais como sociólogo, sendo que escreveu a Paul Siebeck: “Elaborei uma teoria e uma exposição sociológicas acabadas” (MWG II/8, p. 449 apud LEPSIUS, 2012). No primeiro parágrafo do capítulo introdutório “Conceitos sociológicos fundamentais” de *Economia e sociedade*, Weber se explica:

O método destas definições conceituais introdutórias, dificilmente dispensáveis mas que *inevitavelmente parecem abstratas e estranhas à realidade*, não pretende de modo algum ser algo novo. Ao contrário, apenas deseja formular de maneira mais adequada

e um pouco mais correta (o que justamente por isso talvez pareça pedante) aquilo que *toda Sociologia empírica de fato quer dizer quando fala das mesmas coisas*. [grifos nossos] (WEBER, 1994, p. 3)

É desse modo que propomos aqui uma via de convergência para aproximar Elias de Weber. A ideia é de que, ao olharmos menos” por apenas “Ao olharmos menos para as suas formulações teórico-sistemáticas e mais para as suas “pesquisas efetivas”, vendo esses dois sociólogos “a sujar as mãos” com realidades empíricas, além de considerar os seus respectivos contextos de produção, podemos compreender melhor de que forma as suas visões de mundo e métodos analíticos particulares se cruzam e, assim, compreender melhor o próprio impacto de Weber nas obras de Elias.

Quando nos empenhamos em trabalhar com categorias teóricas que podem ser comprovadas e mantidas ao longo da própria pesquisa científica, essas classificações filosóficas tradicionais acabam por mostrar-se simplificações bastante grosseiras. Os problemas que encontramos no decorrer da pesquisa sociológica são muito mais complexos e sutis do que essas antíteses sugerem. (ELIAS, 2001b, p. 96)

A partir dessa crítica de Elias, podemos imaginar que os esforços de sistematização de um determinado autor, seja por necessidade ou desejo de posicionamento intelectual em uma rede de relações específica, podem acabar por reificar, simplificar demais ou mesmo distanciar ele próprio de suas “pesquisas efetivas”. Ao tratar desse assunto, Sell (2016) reconhece que poderíamos ver, em certa medida, tal distanciamento no caso de Max Weber:

... se entendemos que *existe uma contradição entre as formulações metodológicas de Weber e sua pesquisa de fato* (sociologia da religião, do direito, da política, etc.) e, mais ainda, que em sua teoria está posta uma *lacuna* no que tange ao modo de conceber e explicar o nível estrutural, isso não impede que a partir dos elementos potenciais nela contidos possamos corrigir e complementar sua análise. Desembocaremos

então no *relacionismo sociológico*. [grifos nossos] (SELL, 2016, p. 345)

Sob tal viés de análise, considerando que há esse distanciamento entre as formulações sistemáticas e as “pesquisas efetivas” de Weber, assim como no caso de Elias – no sentido de que ele procura se afastar de Weber e de outros teóricos, porém em suas “pesquisas efetivas” sua repercussão é evidente – propomos, portanto, que, para aproximá-los, podemos nos permitir “duvidar” de alguns de seus posicionamentos mais “radicais”. Nesse sentido, a análise de Blondel (2010) complementa a discussão:

É difícil, enfim, separar as “reflexões metodológicas” de cada um dos autores de suas pesquisas efetivas. Max Weber é muito claro sobre esse ponto: ‘Os conhecimentos metodológicos mais vastos ainda não fazem de ninguém um historiador; as concepções metodológicas inexatas não determinam necessariamente uma prática histórica errônea, mas provam, em primeiro lugar, apenas que o historiador formulou e interpretou erroneamente as máximas corretas de seu próprio trabalho’. E Elias não deixa de afirmar, em diversos locais, quando está livre da tutela de seus mestres, que Weber é um grande sociólogo quando se trata de ter uma visão de conjunto dos dados empíricos, que ele também é um pensador lúcido em sua vontade de formular as categorias fundamentais da sociologia, *mas que, ao inserir em seus escritos teóricos sua ‘fé axiomática’ no ‘indivíduo absoluto’, ele se vê acuado a encarar as estruturas sociais típicas como irrealis*, o que o converteria num dos grandes representantes do ‘nominalismo sociológico’. [grifos nossos] (BLONDEL, 2010, p. 44)

Nesse sentido, Colliot-Thélène (2010) propõe que não deveríamos tomar ao pé da letra o individualismo metodológico do qual Weber professava, pois o autor não teria colocado a atividade dos indivíduos *stricto sensu* como ponto de partida para explicar a lógica dos processos sociais. Complementa a autora:

A Lebensführung das diferentes camadas sociais, que constitui o centro de suas análises, é, por

relação com as estruturas sociais designadas pelas categorias coletivas (associação, Estado, mas também imperialismo, feudalismo, mercantilismo etc.) tanto constituída quanto constituinte. E de resto, ela mesma é apenas um ideal-tipo com respeito à ‘realidade’ dos comportamentos dos indivíduos concretos, sempre em defasagem com relação à pureza do tipo. (COLLIOT-THÉLÈNE, 2010, p. 32)

Um outro ponto importante é levantado por Sell (2016) em relação ao cuidado de não tomarmos também como dado, de modo superficial e naturalizado, o enquadramento da sociologia weberiana como “individualismo metodológico”, sem maiores questionamentos. Apesar de concordar com tal designação, o autor alerta para não fazermos denominações rasas a respeito dessa posicionamento, considerando devidamente sua natureza, pressupostos e implicações. Um dos pontos que o autor destaca é que existem diferentes níveis de adesão ao individualismo metodológico, desde posturas mais radicais até algumas que tendem a perspectivas relacionais. Além disso, frequentemente ao tratar do tema, alguns autores podem confundir o individualismo metodológico com individualismo ontológico, ou ainda, o epistemológico. Para Sell (2016), poderíamos denominar Weber como sendo adepto do primeiro, porém seus escritos não nos forneceria elementos suficientes para enquadrá-lo nos dois últimos.

Sell (2016) vê como saída para essas questões considerar igualmente importantes as dimensões histórica e sistemática do método de Weber, incorporando discussões de teóricos que buscam aproximar visões holistas e individualistas, evitando respostas que tendem a dicotimizá-las. Chega à conclusão de que Weber teria adotado uma postura individualista *moderada* e que poderia ter inspirado trabalhos posteriores ancorados na perspectiva relacional, os quais podem ter partido de Weber, corrigindo ou complementando a sua análise, como acreditamos aqui ter sido o caso também de Norbert Elias.

Apesar do nosso esforço de aproximação, para Colliot-Thélène (2010), um outro ponto crucial que não pode ser negligenciado em toda essa discussão é a *divergência dos paradigmas*

epistemológicos que orientam os trabalhos de Weber e Elias. Reside aí, segundo a autora, uma dificuldade enorme: para reconhecer tal divergência, assim como para tentar aproximar Weber de Elias é preciso tomar certo cuidado, pois o contexto no qual cada um desses autores elaborou as suas sistematizações teóricas variou substancialmente. No caso de Weber, há ainda outro fator complicador, no caso de “*Economia e Sociedade*” seus escritos tiveram diferentes fases de concepção e composição, além de que seus capítulos foram organizados de formas distintas, o que variou consideravelmente em suas diferentes edições (LEPSIUS, 2012). Por fim, para além de todos esses fatores, a epistemologia explícita descrita por cada um desses sociólogos pode não corresponder sequer àquela empregada por eles próprios em suas “pesquisas efetivas” (COLLIOT-THÉLÈNE, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido ao ambiente intelectual de “efervescência weberiana” no qual Elias desenvolveu a sua formação sociológica, era praticamente impossível que, em suas obras, não estivesse presente uma forte base weberiana. Entretanto, como tentamos demonstrar, Elias se opôs criticamente, em diversos momentos, a muitas das formulações e pressupostos weberianos.

Acreditamos aqui que tal afastamento de Elias em relação a esses pressupostos e formulações em determinados espaços, em suas narrativas autobiográficas e em seus escritos teórico-sistemáticos, consistiu em mecanismos de construção de sua imagem enquanto autor de uma teoria social própria e que, nesse sentido, o fazia posicionar-se de modo mais explícito frente a outros autores que lhes eram contemporâneos ou predecessores. Logo, os seus posicionamentos nesses espaços podem soar mais “radicais” do que suas “pesquisas efetivas” parecem demonstrar.

Concordamos com a existência de “lacunas”, evidenciada pelos diferentes autores (SELL, 2016; BLONDEL, 2010; COLLIOT-THÉLÈNE, 2010), entre as “pesquisas efetivas” de Weber e de Elias e as suas formulações teórico-sistemáticas. Se, por um lado, tais lacunas teriam sido geradas por eles próprios, de outro, viriam a ser mantidas

ou acentuadas por seus leitores e comentadores. Na medida em que nós pesquisadores tentamos enquadrar esses autores a uma ou outra vertente ao longo da história, podemos ter levado a uma maior dificuldade em compreender os pontos de contato entre Weber e Elias.

Além disso, a sociologia relacional está atualmente muito presente nos debates sociológicos contemporâneos nacionais e internacionais, de modo que vêm sendo destinados esforços no sentido de reunir diferentes abordagens, criando ou reconhecendo categorias e conceitos comuns a elas. Não havendo uma unidade entre essas abordagens, consideramos importante analisar cada uma delas em profundidade, com o cuidado de não equipará-las ou reduzi-las ao gerar tais categorias e conceitos genéricos comuns.

Desse modo, retomar, aprofundar e atualizar as análises de Norbert Elias, reconhecido atualmente como um dos grandes precursores da sociologia relacional, parece ser um desafio perene e também uma questão emergente. Questionamentos propostos por Elias em relação à reificação de conceitos, à criação e à manutenção de fronteiras disciplinares e ao dualismo indivíduo – sociedade podem ser vistos como ainda atuais. Assim, podem ser retomados, aprofundados e atualizados incorporando novas características relativas ao momento histórico vigente nos contextos específicos analisados, tais como a globalização, o cosmopolitismo e outros aspectos vinculados à vida urbana, suas transformações e derivações. Nesse sentido, acreditamos que estudos eliasianos e pós-eliasianos podem fornecer argumentos importantes para nos levar além de algumas “encruzilhadas” teóricas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

BLONDEL, J. Encadeamentos e regularidades nas “Ciências da Cultura”: seguindo Friedrich Nietzsche, Max Weber, Norbert Elias. In: GARRIGOU, A.; LACROIX, B. *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

BREUER, Stefan. Society of individuals, society of organizations: a comparison of Norbert Elias and Max Weber. *History of the human sciences*, vol. 7, n° 4, pp. 41-60, 1994.

- BUCHOLC, Marta. Irony as vocation: the fate of a social scientist in the writings of Max Weber and Norbert Elias. In: DÉPELTEAU, F.; LANDINI, T. S. (orgs.). *Norbert Elias and Social Theory*. New York: Ed. Palgrave Macmillan, 2013.
- COLLIOT-THÉLÈNE, C. O conceito de racionalização: de Max Weber a Norbert Elias. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard (orgs.). *Norbert Elias: a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edições 70, 1970.
- _____. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.
- _____. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. 2. ed. Vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.
- _____. *Norbert Elias por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001a.
- _____. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001b.
- _____. *Au-delà de Freud: Sociologie, Psychologie, Psychoanalyse*. Paris: Éditions la Découverte, Laboratoire des sciences sociales, 2010.
- LAHIRE, B. Elias, Freud, and the Human Science. In: DÉPELTEAU, F.; LANDINI, T. S. (orgs.). *Norbert Elias and Social Theory*. New York: Ed. Palgrave Macmillan, 2013.
- LEPSIUS, R. “Economia e sociedade”: a herança de Max Weber à luz da edição de sua obra completa (MWG). *Tempo Social*, v. 24, n. 1, 2012.
- MICELI, S. Norbert Elias e a questão da determinação. In: NEIBURG, F.; PONTES, H.; SOUZA, J.; WAIZBORT, L.; MICELI, S. (orgs.). *Dossiê Norbert Elias*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- POWELL, C. Radical relationism: a proposal. In: POWELL, C.; DÉPELTEAU, F. *Conceptualizing relational sociology: ontological and theoretical issues*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- POWELL, C.; DÉPELTEAU, F. Introduction. In: POWELL, C.; DÉPELTEAU, F. *Conceptualizing relational sociology: ontological and theoretical issues*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- SELL, C. E. Max Weber e o átomo da sociologia: Um individualismo metodológico moderado? *Civitas*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 323-347, abr.-jun. 2016.
- SIMMEL, G. *Sociologie: études sur les formes de la socialisation*. 1. ed. Presses Paris: Universitaires de France, 1999.
- TSEKERIS, C. Norbert Elias on relations: insights and perspectives. In: POWELL, C.; DÉPELTEAU, F. *Conceptualizing relational sociology: ontological and theoretical issues*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- WEBER, M. *Über einige Kategorien der verstehenden Soziologie. Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre*. Tübingen: Mohr Siebeck, 1922.
- _____. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 1. Editora Universidade de Brasília, 1994.